O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VII | Volume 23 | Nº 69 | Boa Vista | 2025

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.17180449

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

ENVELHECIMENTO LGBTQIA+: UMA REVISÃO DE ESCOPO DAS PRODUÇÕES BRASILEIRAS[1]

Paulo Henrique Souza Roberto[2]

Thaysa Pacheco Cacau[3]

Margaret da Conceição Silva[4]

Polliana Teixeira da Silva[5]

Isabelle Patriciá Freitas Soares Chariglione[6]

Resumo

Considerando as projeções de envelhecimento da população mundial e nacional, consequentemente, da população LGBTQIA+, este artigo tem como objetivo mapear a literatura existente a respeito das produções brasileiras sobre população LGBTQIA+ e envelhecimento. Para tanto, foi realizada uma revisão de escopo baseada nas diretrizes do JBI e nas diretrizes do protocolo PRISMA-ScR. A busca foi realizada na base de periódicos CAPES e na BDTD. No total, foram selecionadas 186 referências. Após a análise, atendendo aos critérios de inclusão e exclusão, foram excluídos 92 documentos, por estarem fora do escopo, e 70, por repetição, totalizando 14 documentos para análise. A análise foi realizada com o *software* IRaMuTeQ, por meio da CHD, análise Fatorial das Correspondências e Nuvem de Palavras. As análises foram realizadas com nível de significância da associação da palavra com a classe de $p \leq 0{,}05$. Os resultados foram organizados em seis classes que apresentaram uma organização a partir de dois polos: o sexual e o social, destacando que a velhice LGBTQIA+ é vivenciada de maneiras múltiplas, dependendo do contexto e da subjetividade social; há uma evidente negligência das produções científicas em relação às especificidades identitárias sociais e sexuais das mulheres lésbicas; e, uma predominância de estigmas sociais e a invisibilidade de pessoas idosas LGBTQIA+ nos estudos. Conclui-se que a produção científica brasileira sobre o tema ainda é limitada e fragmentada, destacando-se a necessidade de mais pesquisas que abordem a diversidade de experiências do envelhecimento LGBTQIA+, com foco particular nas identidades de mulheres lésbicas e na superação dos estigmas e da invisibilidade social.

Palavras-chave: Envelhecimento; LGBTQIA+; Pessoa Idosa; Psicologia.

Abstract

Considering the aging projections of the global and national population, consequently, of the LGBTQIA+ population, this article aims to map the existing literature regarding Brazilian productions on the LGBTQIA+ population and aging. Therefore, a scoping review was carried out based on the JBI guidelines and the PRISMA-ScR protocol guidelines. The search was carried out in the CAPES and BDTD. In total, 186 references were selected. After analysis, meeting the inclusion and exclusion criteria, 92 documents were excluded for being out of scope and 70 for repetition, totaling 14 documents for analysis. The analysis was carried out with the IRaMuTeQ software, using CHD, Correspondence Factor Analysis and Word Cloud. The analyzes were carried out with a significance level for the association of the word with the class of $p \leq 0.05$. The results were organized into six classes that presented an organization based on two poles: sexual and social, highlighting that LGBTQIA+ aging is experienced in multiple ways, depending on the context and social subjectivity; there is a clear neglect of scientific productions regarding the social and sexual identity specificities of lesbian women; and a predominance of social stigmas and the invisibility of LGBTQIA+ elderly people in studies. It is concluded that Brazilian scientific production on the subject is still limited and fragmented, highlighting the need for more research that addresses the diversity of LGBTQIA+ aging experiences, with a particular focus on the identities of lesbian women and overcoming stigmas and social invisibility.

Keywords: Aged; Aging; LGBTQIA+; Psychology.

[1] A presente pesquisa contou com o apoio institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

[2] Doutorando em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar pela Universidade de Brasília. E-mail: paulohenriqueroberto88@gmail.com

[3] Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: thaysacacaupsi@gmail.com

[4] Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: marga07silva@yahoo.com.br

[5] Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: fraupolliana@gmail.com

[6] Docente da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Cognição e Neurociências. E-mail: ichariglione@unb.br

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é uma realidade demográfica mundial e, no Brasil, as projeções apontam para um aumento significativo da parcela de pessoas idosas na sociedade. Concomitantemente, a população LGBTQIA+ também envelhece, o que suscita a necessidade de um olhar mais aprofundado para as especificidades e desafios enfrentados por esse grupo. Embora a temática venha ganhando alguma visibilidade, a produção científica brasileira ainda se mostra incipiente e fragmentada. Nesse contexto, emerge o questionamento: como a literatura científica brasileira aborda a interseccionalidade entre envelhecimento e a população LGBTQIA+?

A pertinência desta pergunta se justifica pela necessidade de mapear o conhecimento existente sobre o tema, identificar lacunas de pesquisa e, assim, subsidiar a elaboração de políticas públicas e práticas de cuidado mais inclusivas e equitativas. A falta de compreensão e de representatividade nas produções acadêmicas pode perpetuar estigmas sociais e a invisibilidade de pessoas idosas LGBTQIA+. Dessa forma, analisar as pesquisas existentes é um exercício fundamental para valorizar as contribuições e as experiências dessa população, buscando uma ciência mais plural e representativa.

Ante o exposto, o presente estudo propôs-se a realizar uma revisão de escopo, seguindo as diretrizes do Instituto Joanna Briggs e o protocolo PRISMA-ScR. Inicialmente, foram encontradas e analisadas 186 referências. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 14 documentos foram selecionados para a análise detalhada. Os estudos foram analisados com o software IRaMuTeQ, revelando importantes aspectos da produção nacional.

Este artigo está organizado em seções: Introdução, Referencial Teórico, Método, Resultados, Discussão, e Considerações Finais. A próxima seção apresentará o referencial teórico que sustenta a investigação, seguida do detalhamento dos procedimentos metodológicos adotados. Por fim, serão discutidos os resultados obtidos à luz da literatura analisada, os quais fornecem direcionamentos para futuras pesquisas na área.

REFERENCIAL TEÓRICO

As principais tendências da dinâmica demográfica brasileira que irão predominar até a metade do século XXI referem-se especialmente ao envelhecimento populacional e à redução da população total. No âmbito da família, proliferam as famílias de filho único, novos arranjos familiares e uma participação maciça das mulheres, inclusive idosas, nas atividades econômicas (CAMARANO, 2023). Tais perspectivas têm grande impacto nas demandas por políticas públicas que dialoguem com essas “novas

configurações" da sociedade. Sob essa ótica, a população idosa está cada vez maior e, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), até 2050 ela triplicará, sendo de suma importância que a sociedade aprenda a lidar com as pessoas idosas de maneira adequada, em todas as suas formas de envelhecer (MIGUEL; CRENITTE, 2021; BEZERRA *et al*., 2025).

Assim, é urgente que a sociedade assuma um compromisso com as mais diversas velhices, pois estas não se constituem de um momento único, nem tão pouco igual, e sim, heterogêneo. É necessário que as pessoas idosas sejam representadas na formação de políticas públicas, com equidade de direitos e oportunidades de participação (CATÃO; ROCHA, 2019; MIGUEL; CRENITTE, 2021).

No Brasil, deve-se pensar a sociedade como caracterizada pela diversidade cultural, étnica e sexual. Embora haja progresso na garantia dos direitos dessas minorias, é importante reconhecer que existe pouca representatividade e que essas populações ainda enfrentam desafios específicos em diferentes fases da vida. Assim, diante deste contexto, e ao se refletir sobre a camada LGBTQIA+, entende-se que a criação de leis específicas para essa população vai além da empatia, pois é preciso compreender sua realidade e suas necessidades específicas. Essa população enfrenta discriminação, invisibilidade e falta de apoio social. Quando se volta a atenção para as velhices LGBTQIA+, deve-se considerar não apenas a idade desse grupo demográfico, como também a heterogeneidade das fases do envelhecimento (+60, +70, +80 etc.) (AREOSA *et al*., 2023).

O conceito de interseccionalidade, que busca discutir essas heterogeneidades, originalmente formulado por Kimberlé Crenshaw (1989, 1991) no contexto da crítica jurídica feminista negra, serve como uma lente analítica crucial para compreender as experiências de opressão e privilégio. Este referencial teórico postula que identidades sociais não existem de forma isolada, mas se cruzam e interagem em sistemas de poder, produzindo experiências de vida únicas e não aditivas. Aplicado à gerontologia, a interseccionalidade ilumina como a idade se articula com outras dimensões identitárias, como orientação sexual e identidade de gênero, para moldar a trajetória de vida e o processo de envelhecimento de pessoas LGBTQIA+.

No contexto da velhice LGBTQIA+, a interseccionalidade demonstra que as experiências não são homogêneas. Uma pessoa idosa gay, por exemplo, não enfrenta apenas o idadismo e a LGBT+fobia de forma separada, mas a manifestação combinada desses sistemas de opressão (FREDRIKSEN-GOLDSEN; KIM, 2017). A interseccionalidade permite, portanto, a análise de como fatores como raça, etnia, classe social e deficiência se somam a essas identidades, exacerbando vulnerabilidades e, ao mesmo tempo, revelando fontes de resiliência e capital social.

Estudos internacionais têm adotado essa perspectiva para explorar as complexas realidades dessa população. Por exemplo, a pesquisa de Chen e colaboradores (2022) utilizou um quadro interseccional

para analisar as experiências de pessoas idosas LGBTQIA+ de minorias étnicas, demonstrando que, embora compartilhem desafios com idosos LGBTQIA+ brancos, suas vivências são distintamente moldadas pelo racismo e pela discriminação cultural. A teoria da interseccionalidade, assim, não apenas valida a existência de múltiplos e sobrepostos sistemas de opressão, mas também se mostra indispensável para o desenvolvimento de políticas e intervenções de cuidado que sejam verdadeiramente inclusivas e adaptadas às necessidades heterogêneas da população idosa LGBTQIA+ (ADAMS, 2016).

Ainda hoje, a velhice LGBTQIA+ se mostra desconhecida por parte da população, como apontam alguns estudos (SALGADO *et al*., 2017; SILVA *et al*., 2022; SOLISE; MEDEIROS, 2016, SOUSA; MARTINEZ; CHARIGLIONE, 2023). Possivelmente, esse desconhecimento se deve ao fato de que viver sendo uma pessoa idosa LGBTQIA+ no Brasil pode ser uma experiência marcada por um constante medo de assumir sua identidade de gênero e/ou orientação sexual. A exemplo disso, cabe citar a geração silenciosa e os *baby boomers*, nascidos respectivamente antes da Segunda Guerra Mundial e entre 1940 e 1960, os quais passaram por momentos desafiadores nas suas respectivas décadas, em relação às suas identidades (TORELLI; BESSA; GRAEFF, 2023).

A história de vida desses indivíduos perpassou por construções sociais ligadas ao preconceito, à exclusão e à invisibilidade. Vale ressaltar o histórico social que por muito tempo subjugou, e segue subjugando, a população idosa homoafetiva no mundo e, especificamente, no Brasil. Isto é, um momento histórico permeado por uma forte repressão e, consequentemente, uma necessidade de negação dos seus desejos e de quem se é. Isso porque, nas décadas supracitadas, o Brasil passou pela Ditadura Militar, pela definição do "homossexualismo" enquanto doença pela *American Pshychiatric Association* e pelos primeiros casos de HIV/Aids no mundo, associados à essa população pelo preconceito e despreparo dos profissionais de saúde e da sociedade como um todo (GOMES *et al*., 2020; HENNING, 2013).

A Teoria do Estresse de Minoria (*Minority Stress Theo*ry), desenvolvida por Ilan H. Meyer (2003), constitui um marco conceitual central para a compreensão das disparidades de saúde e bem-estar em populações minoritárias. Segundo este modelo, o estigma social, o preconceito e a discriminação a que minorias sexuais e de gênero são cronicamente expostas geram um tipo de estresse único e persistente que se soma aos estressores gerais da vida. Este estresse de minoria é categorizado em três níveis: o estigma externo (discriminação e violência), as expectativas de estigma (vigilância e hipervigilância para antecipar a discriminação) e o estigma internalizado (aceitação das atitudes negativas da sociedade sobre a própria identidade).

No contexto do envelhecimento LGBTQIA+, a teoria assume uma relevância particular ao postular que a exposição vitalícia a esses estressores cumulativos pode ter um impacto significativo e duradouro na saúde física e mental na velhice. A literatura internacional demonstra que esse estresse crônico

contribui para maiores taxas de doenças cardiovasculares, depressão, ansiedade e uso de substâncias, além de inibir a busca por serviços de saúde por medo de discriminação (FREDRIKSEN-GOLDSEN *et al*., 2011).

Essa abordagem teórica é fundamental para o estudo da velhice LGBTQIA+, pois oferece uma estrutura para analisar como as desvantagens sociais e o preconceito vivenciados no passado se manifestam como disparidades de saúde na velhice, fornecendo uma base sólida para a discussão de políticas de cuidado e estratégias de intervenção.

A Teoria do Curso de Vida também é um referencial essencial para compreender como as experiências de envelhecimento de pessoas LGBTQIA+ são moldadas por fatores históricos e contextuais (FABBRE *et al*., 2024). Diferentemente das gerações mais jovens, que envelhecem em um ambiente de maior aceitação, a atual população idosa LGBTQIA+ viveu a maior parte de suas vidas em um período de intensa criminalização, estigma e patologização de suas identidades.

Eventos sociais e políticos, como a crise da AIDS e o Movimento de Stonewall, exerceram um impacto significativo e duradouro. Eles não apenas expuseram a vulnerabilidade dessa população a violências e doenças, mas também moldaram a maneira como construíram seus relacionamentos e redes de apoio. A teoria do curso de vida evidencia como a exposição a esses eventos resultou em maior resiliência, mas também em desafios persistentes, como o isolamento social e barreiras no acesso a serviços de saúde (CHEN *et al*., 2025).Portanto, o desconhecimento se perpetua na medida em que pessoas LGBTQIA+ podem evitar ou postergar os cuidados com a saúde, ocultar sua identidade de gênero ou orientação sexual dos provedores desses cuidados, com impacto direto na falta de informações de saúde e assistência recebida. Consequentemente, observam-se menos pesquisas relacionadas às necessidades da população idosa LGBTQIA+ do que voltadas a questões de gênero, classe ou etnia na velhice (TORELLI; BESSA; GRAEFF, 2023), gerando a errônea impressão de que essas pessoas não existem.

Sob a perspectiva interseccional, sabe-se que essa se constitui para além do reconhecimento da multiplicidade de sistemas de opressão que operam a partir de categorias como gênero, classe, raça/etnia, idade, deficiência e sexualidade. A interseccionalidade, como já mencionado, transpõe essa soma das dominações ou arranjos de identidades e diferenças, possibilitando um avanço em perspectiva e prática de uma problematização de teorias hegemônicas e, consequentemente, propondo uma teoria transdisciplinar, a qual visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais, através de uma abordagem integrada. Nesse sentido, a interseccionalidade refuta a partição e a hierarquização dos grandes eixos de diferenciação social, assumindo a própria produção discursiva das categorias identitárias (BILGE, 2009; POCAHY, 2011).

Ademais, se faz importante destacar que embora a literatura sobre envelhecimento LGBTQIA+ tenha crescido, as experiências de diferentes subgrupos permanecem desigualmente representadas, com uma notável lacuna na pesquisa sobre as mulheres lésbicas idosas (DANTAS, 2021). Este segmento visa aprofundar essa discussão, destacando as especificidades de gays, lésbicas, bissexuais e pessoas trans.

As mulheres lésbicas idosas, em particular, enfrentam uma dupla invisibilidade, combinada com o machismo, a lesbofobia e o idadismo. A literatura recente aponta que muitas delas viveram parte significativa de suas vidas em sigilo, o que impacta sua saúde mental e seu acesso a serviços de saúde. Apesar dos desafios, estudos também destacam a resiliência desse grupo, que frequentemente desenvolve redes de apoio robustas e apresenta uma visão positiva de seu envelhecimento e de seus relacionamentos (FONSECA *et al*., 2022).

Para homens gays idosos, a experiência do envelhecimento é frequentemente marcada por estressores como a pressão estética e a solidão, exacerbados pela vivência da epidemia da AIDS, que dizimou muitos de seus pares e de sua "família de escolha" (HENNIG, 2017). Já as pessoas bissexuais enfrentam desafios únicos, como a bifobia e o apagamento de sua identidade, que podem comprometer sua saúde e bem-estar na velhice. Por fim, as pessoas trans idosas enfrentam o desafio adicional de ter suas identidades de gênero desvalidadas, muitas vezes sentindo que metas como a retificação de nome e a transição foram perdidas com o tempo (DIVERSIDADE UFMG, 2023).

Deste modo, compreende-se a relevância de impulsionar a comunidade científica a produzir mais estudos sobre as diferentes realidades presentes no mundo e, especificamente, no Brasil, um país tão marcado pela diversidade. Frente às informações apresentadas, considerando as projeções de envelhecimento da população mundial e nacional e, consequentemente, entendendo a tendência de ampliação da longevidade e do quantitativo de pessoas pertencentes à comunidade idosa LGBTQIA+, este artigo tem como objetivo mapear a literatura brasileira existente a respeito do diálogo entre a população LGBTQIA+ e o envelhecimento.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva que utilizou as recomendações do Manual do Instituto Joanna Briggs (JBI), conforme orientações de Peters *et al*. (2020). Esse protocolo foi registrado na *Open Science Framework* com identificação DOI: https://doi.org/10.17605/OSF.IO/N2U5A

Ademais, utilizaram-se as diretrizes do Protocolo PRISMA-ScR (Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-Análises para Revisões de Escopo) para analisar a literatura. Assim, o presente estudo realizou uma *Scoping Review* com estudos envolvendo o público LGBTQIA+ e as pessoas

idosas. Ou seja, a partir do uso dessas diretrizes, a pergunta desta revisão é: Qual perfil das pesquisas brasileiras sobre a população LGBTQIA+ e envelhecimento?

Para a realização desta pesquisa, foram selecionados critérios de inclusão e exclusão para elegibilidade de artigos para análise. Nesse sentido, os critérios de inclusão para a pesquisa foram: (1) textos que tratem sobre pessoas idosas LGBTQIA+; (2) pesquisas realizadas no Brasil; e (3) pesquisas publicadas integralmente em português. Os critérios de exclusão foram: (1) Estudos e Ensaios Teóricos; (2) Revisões de literatura e outros métodos bibliográficos de pesquisa; (3) análises de conteúdos jornalísticos; (4) Resenhas; (5) Estudos realizados em outros países, mas publicados em português; (6) Estudos internacionais; (7) Pesquisa documental; (8) Pesquisa literária; (9) Análise fílmica; (9) Artigos que apresentassem em suas amostras participantes com idade inferior a 60 anos; (10) Estudos comparativos entre heterossexuais e homossexuais; (11) Estudos etnográficos.

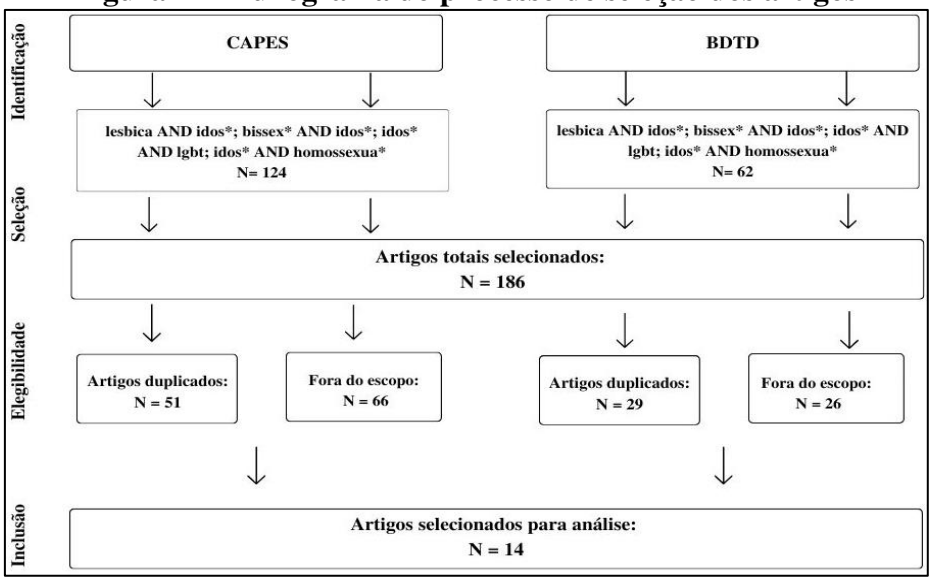
A busca por pesquisas publicadas foi realizada de modo *online* na base de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

Na base de dados da CAPES, usando as combinações de descritores lésbica AND idos*; bissex* AND idos*; idos* AND lgbt; e a combinação idos* AND homossexua*, foram encontradas 124 referências. Após a análise, considerando os critérios de inclusão e exclusão, foram excluídos 66 artigos por estarem fora do escopo e 51 por repetição, totalizando sete artigos para análise. Ademais, destaca-se que, nos descritores, utilizou-se o termo LGBT por ser o mais empregado, sabendo-se que o termo passou por algumas reformulações ao longo do tempo.

Na BDTD, a busca pelos descritores lésbica AND idos*; bissex* AND idos*; idos* AND lgbt; e a combinação idos* AND homossexua* retornou 62 documentos. Foram excluídos 29 documentos por estarem repetidos e 26 por estarem fora do escopo deste estudo, totalizando seis dissertações e uma tese selecionada para análise.

Desta forma, foi selecionado o total de 14 documentos: sete artigos, seis dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. Nesse processo, optou-se por não delimitar o período de publicação, tendo em vista a escassez de produções observada no processo de levantamento, cuja temática tem se apresentado como um campo de estudos recentemente explorado e discutido no âmbito da pesquisa científica. Os documentos escolhidos foram lidos na íntegra. Os 14 documentos selecionados foram inseridos em planilha contendo ano de publicação, título, resumo, área de conhecimento da publicação, graduação do/a primeiro/a autor/a e *link* para acesso. Para o detalhamento da perda amostral, segue a Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção dos artigos



Fonte**:** Elaboração própria.

A análise de escopo foi realizada com o auxílio do *software* IRaMuTeQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), na versão 0.7 alpha 2/2020. O IRaMuTeQ é um *software* gratuito para análise de *corpus* textual desenvolvido por Ratinaud (2009) e se apoia no *software* R para a leitura e análise dos dados, realizando uma análise mista, com medidas qualitativas (análise semântica) e quantitativas (cálculos de frequências de palavras, análises multivariadas e fatoriais) dos dados textuais.

O uso do IraMuTeQ para a análise de revisões de escopo, como a presente, é uma abordagem metodológica que tem se consolidado no estado da arte recente. A escolha deste *software* é respaldada por uma crescente literatura científica que o utiliza para explorar grandes corpora textuais e desvendar estruturas e padrões de discurso. Alguns estudos corroboram a importância da utilização deste tipo de análise para explorar temas sociais e de políticas públicas. A pesquisa de Querino e Andrade (2024), por exemplo, aplicou a análise de conteúdo para analisar a formação docente, enquanto Sampaio e Dettmam (2025) utilizaram a análise textual para discutir limites do ativismo judicial. Tais estudos demonstram a robustez da análise textual para aprofundar a compreensão de temas complexos, justificando sua aplicação em nosso estudo.

Neste estudo, os resumos dos trabalhos foram organizados em um único *corpus* textual para análise pelo *software*. Essa modalidade de análise é adequada a esse tipo de estudo pelo rigor estatístico apresentado, permitindo ao pesquisador a utilização de diferentes recursos técnicos de análise lexical. Assim, usou-se a (1) Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que mostra a correspondência entre as classes lexicais, realizando um arranjo de conjunto de palavras que podem elencar as representações sobre o fenômeno estudado; (2) Análise Fatorial das Correspondências, que gera uma imagem de relação

entre as palavras em um quadrante com eixos X e Y, ou seja, mostra uma proximidade das palavras com as classes da CHD; e (3) Nuvem de Palavras, que é uma análise em que os elementos textuais são associados e organizados em função de sua frequência (CAMARGO; JUSTO, 2013). As análises foram realizadas com nível de significância da associação da palavra com a classe de $p \leq 0{,}05$.

RESULTADOS

De acordo com os critérios estabelecidos para o levantamento de trabalhos empíricos nos periódicos analisados, foi identificado o quantitativo de 14 estudos que tratavam sobre envelhecimento LGBTQIA+. Dentre eles, vale destacar a Psicologia enquanto ciência que mais produziu dentro desta temática, com cinco trabalhos, acompanhada pela Saúde Pública (2), Ciências Sociais (2), Gerontologia (2), Educação (2) e Antropologia (1). Os trabalhos que atendiam aos critérios estabelecidos para análise podem ser conferidos no Quadro 1.

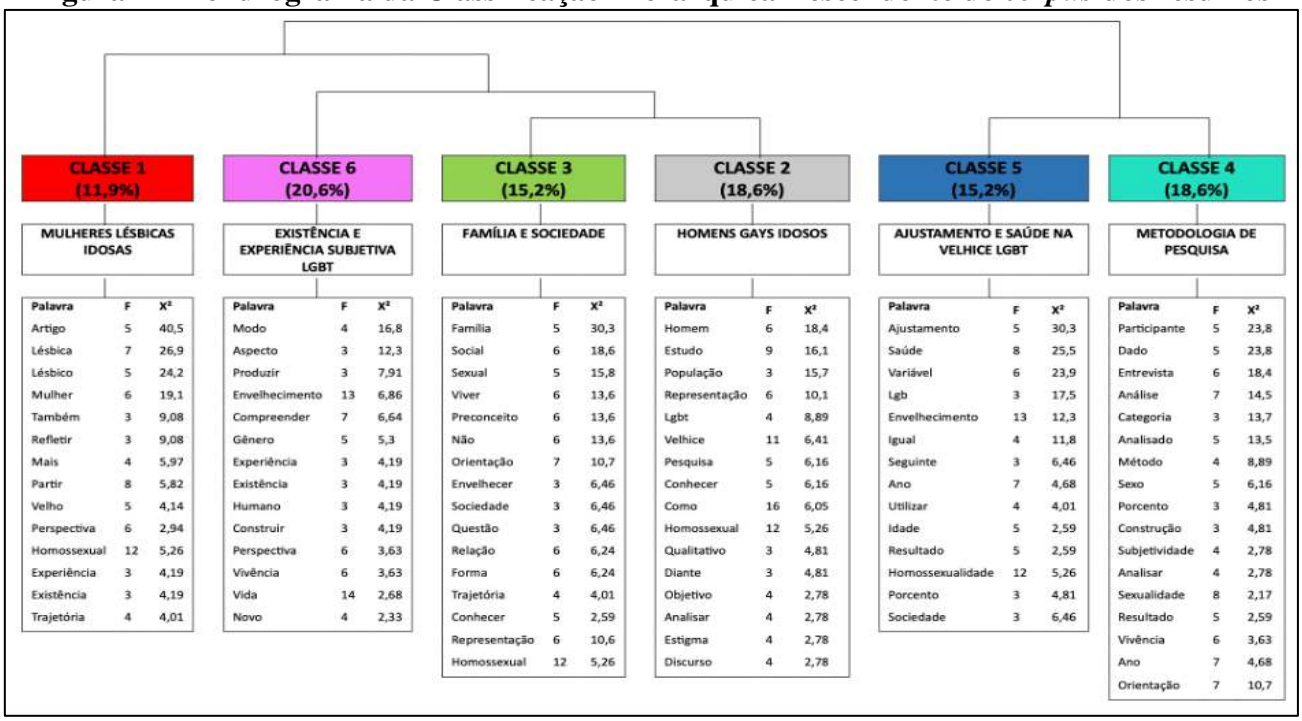
Quadro 1 – Publicações selecionadas para *scoping review*

Autores e Ano de Publicação	Modalidade do Estudo	Base de Dados	Título
Lima, T. G. (2006)	Dissertação	BDTD	Tornar-se velho: O olhar da mulher homossexual
Correia, C. A. C. (2009)	Dissertação	BDTD	Homossexualidade e velhice: a dupla estigmatização
Alves, A. (2010)	Artigo	Periódico CAPES	Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina
Cunha, L. A. (2014).	Dissertação	BDTD	O envelhecimento e a homossexualidade masculina
Pereira *et al*. (2015)	Artigo	Periódico CAPES	Autoconceito em idosos homossexuais: Um estudo exploratório
Lemos, A. E. (2015).	Dissertação	BDTD	Homossexualidade e velhice: os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos.
Salgado *et al*. (2017).	Artigo	Periódico CAPES	Velhice LGBT: Uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros
Henning, C. (2020).	Artigo	Periódico CAPES	O Luxo do Futuro. Idosos LGBT, teleologias heteronormativas e futuros viáveis.
Dantas, A. J. L. (2021)	Dissertação	BDTD	Narrativas de histórias de vida de idosas lésbicas: interseccionalidade entre velhice, gênero e sexualidade
Meloni, L. M. (2022)	Dissertação	BDTD	Conjugalidade lésbica na terceira idade: perspectivas apresentadas sob o olhar da literatura e das narrativas pessoais
Pimentel, P. C. (2022)	Dissertação	BDTD	Relação amorosa na terceira idade
Humboldt, S.; Carneiro, F.; Leal, I. (2020)	Artigo	Periódico Capes	O que prevê o ajustamento ao envelhecimento idosos lésbicas, gays e bissexuais?
Souza, J., Chacham, A. (2023)	Artigo	Periódico CAPES	Histórias de lésbicas irmanadas em uma confraria em Belo Horizonte (MG)
Souza Júnior *et al*. (2022).	Artigo	Periódico CAPES	Associação entre as vivências em sexualidade e características biosociodemográficas de pessoas idosas.

Fonte: Elaboração própria.

A primeira análise utilizada, o Dendrograma de CHD, apresentou os materiais textuais semelhantes entre si. O *corpus* textual foi dividido pelo *software* em 68 segmentos de texto, sendo que 69,35% destes foram avaliados na presente análise. Os 2.350 elementos textuais diferentes foram categorizados em função dos seus vocabulários e divididos pelo *software* de acordo com suas respectivas médias de frequência. Assim, a CHD separou o *corpus* textual em seis classes de elementos textuais, representadas pela Figura 2.

Figura 2 – Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente do *corpus* dos resumos



Fonte**:** Elaboração própria.

O Dendrograma (Figura 2) expõe não apenas a divisão do *corpus* textual em classes, como também a ligação das classes entre si. Foram considerados todos os termos com X^2 de associação à classe $\geq 3,84$ ($p \leq 0,05$), seguindo as orientações do próprio *software* de análise (RATINAUD, 2009). São apresentadas seis classes, distribuídas em quatro grupos temáticos.

A Classe 1, denominada como "Mulheres Lésbicas Idosas", abrange 11,9% do conteúdo analisado e origina as Classes 6, 2 e 3. Vale ressaltar que a escolha dos nomes, bem como as ligações entre as classes apresentadas no Dendrograma, deu-se por meio dos elementos textuais que se associam por sentidos específicos, sendo delimitados em grandes categorias. Neste caso, o título da Classe 1 foi traçado a partir da identificação de termos relacionados às vivências de mulheres lésbicas idosas, tais como "perspectiva", "feminino", "experiência" e "lésbica".

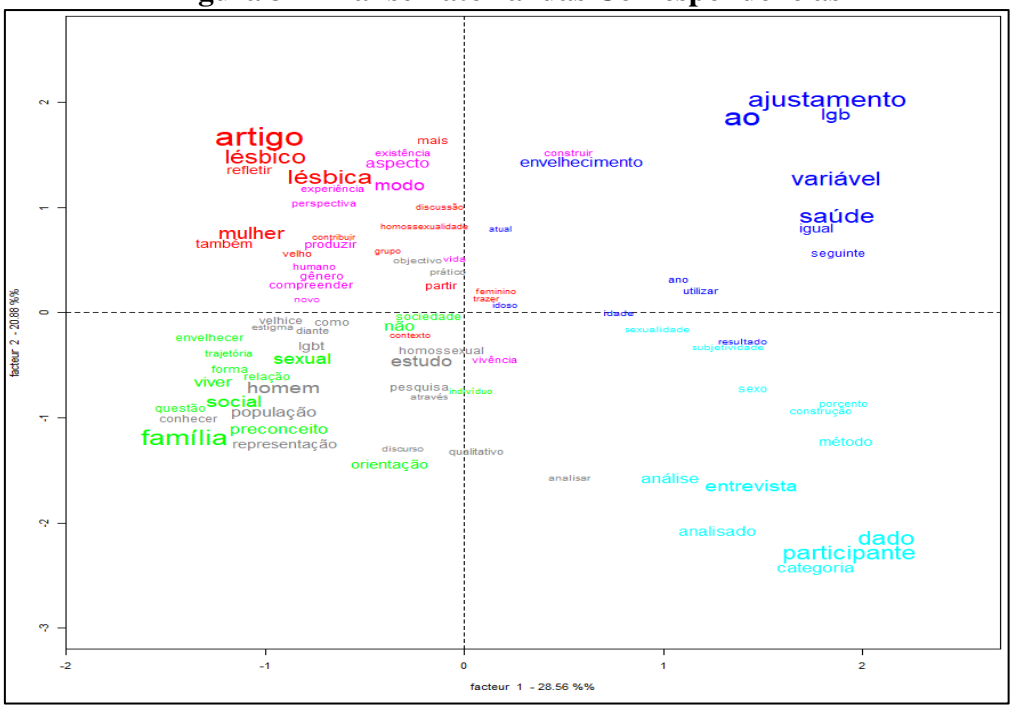
Por sua vez, a Classe 2 apresenta um ponto distinto, abarcando 18,6% do conteúdo. Intitulada como "Homens Gays Idosos", e traz termos que se referem a vivências de homens idosos pertencentes à comunidade gay, a exemplo de "homem", "representação" e "estigma". E a Classe 3, diretamente ligada à classe 2 enquanto um subgrupo, contém 15,2% dos elementos textuais analisados e foi denominada como "Família e Sociedade", visto que seus termos elucidam aspectos presentes nesses territórios, vide "família", "social", "preconceito", "sociedade" e "trajetória". Aqui, é interessante pontuar a conexão direta entre as Classes 2 e 3, indicando uma possível relação entre seus conteúdos.

A Classe 4, intitulada de “Metodologia de Pesquisa”, abrange 18,6% do conteúdo e está relacionada às metodologias utilizadas nos estudos selecionados, por isso, os termos que apareceram com maior frequência são “participante”, “dado”, “entrevista”, “análise”, “por cento”, “analisado e “metodológico”. E a Classe 5, diretamente ligada à Classe 4 enquanto subgrupo, contém 15,2% do conteúdo, e foi intitulada de “Ajustamentos e saúde na velhice LGBT”, abordando os ajustamentos na velhice, pensando que essa ainda é uma fase de inúmeras transformações, por isso, os termos que apareceram com maior frequência foram “ajustamento”, “saúde”, “variável”, “envelhecimento”, “LGB” e “sociedade”.

Por fim, tem-se a Classe 6 intitulada de “Existências e experiências LGBT”, abarcando 20,6% do conteúdo e está relacionada à experiência subjetiva de uma pessoa idosa correlacionada à questão da sexualidade. Por se tratar de um grupo dissidente sexual, entende-se que as experiências de vida são engendradas e marcadas por esse lugar social de uma pessoa LGBT. Nesse sentido, os termos que apareceram com maior frequência são: “experiência”, “existência”, “compreender”, “humano”, “vivência”, “vida” e “novo”.

Ante o exposto, o Dendrograma dividiu o *corpus* textual em seis classes distintas, dispostas em uma configuração em que algumas se aproximam mais de outras, dependendo do eixo temático do conteúdo analisado. A Análise Fatorial de Correspondências (AFC) evidencia essa aproximação (Figura 3).

Figura 3 - Análise Fatorial das Correspondências

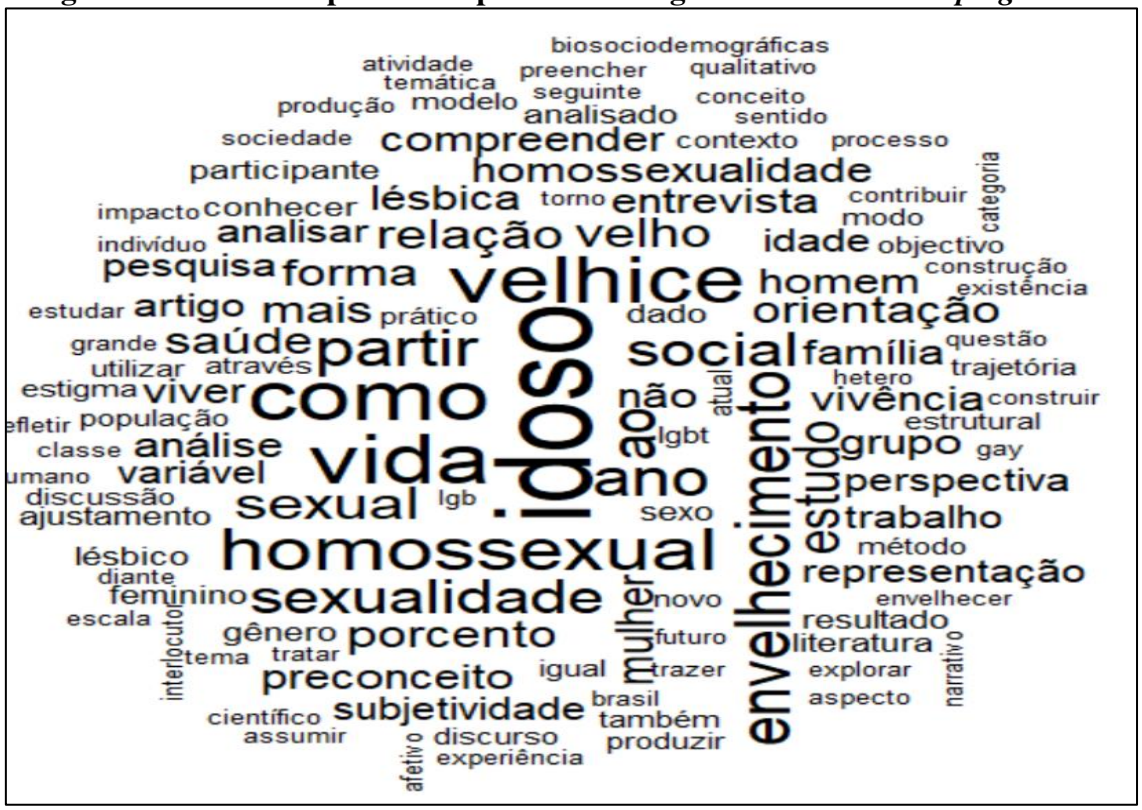


Fonte: Elaboração própria.

De acordo com a AFC, a Classe 1 (cor vermelha) possui características especificas, mas também guarda relação semântica e léxica mais próxima com a Classe 6 (cor rosa), estando mais distante das Classes 4 (cor verde água) e 5 (azul escuro). Inclusive, na Classe 4, os termos estão mais isolados, evidenciando características semânticas e léxicas específicas. A Classe 4 está em um quadrante oposto ao da Classe 1, e a maioria dos termos divergem. Das classes em que existe alguma semelhança, vê-se na figura que elas se agrupam, sendo as Classes 2 e 3 agrupadas no quadrante esquerdo inferior; já as Classes 1 e 6 estão agrupadas no quadrante superior esquerdo; e as Classes 4 (quadrante inferior direito) e 5 (quadrante superior direito) estão dispersas das demais classes.

O gráfico da AFC também revela a estrutura temática do corpus textual, destacando a complexidade do debate sobre o envelhecimento e a sexualidade. O posicionamento das classes mostra uma clara distinção entre as discussões sobre a experiência de vida e o preconceito (Classes 1 e 2) e os aspectos metodológicos e de saúde/ajustamento (Classes 3 e 4). O resultado principal é a identificação de que o corpus textual está estruturado em torno da intersecção entre a pesquisa acadêmica sobre a identidade LGBTQIA+ e o processo de envelhecimento, com ênfase nas experiências sociais, saúde e a metodologia empregada na análise desses dados. Ressalta-se que foram colocadas as palavras mais frequentes, evidenciadas pelo Dendrograma do *corpus* textual. Estes dados também podem ser observados pela Nuvem de Palavras (Figura 4).

Figura 4 – Nuvem de palavras a partir dos artigos analisados na *scoping review*



Fonte: Elaboração própria.

A Nuvem de Palavras mostra, por meio da representação gráfica, quais palavras foram mais referenciadas no *corpus* textual. Nota-se que o termo "idoso" está localizado ao centro, adjacentemente acompanhado por elementos textuais como "velhice", "homossexual", "vida" e "envelhecimento". Também se faz fulcral destacar que a sexualidade, descritor investigado na presente revisão de escopo sobre produções de diferentes velhices, é apresentada na Nuvem de Palavras a partir de dois polos: o sexual e o social, estando ambos os termos localizados de maneira próxima ao centro, porém, diametralmente opostas. Ademais, a Nuvem de Palavras reforça o foco investigativo na experiência de vida de pessoas idosas LGBT, abrangendo aspectos identitários, sociais e de saúde, e indicando uma análise qualitativa ou narrativa sobre a vivência dessa população.

Nota-se que as temáticas trazidas pelos trabalhos analisados sinalizam a velhice LGBTQIA+ como uma velhice múltipla, que pode ser vivenciada de maneiras distintas resultado de quem é o sujeito em questão. Assim, não é por acaso que diferentes classes evidenciam aspectos variados relacionados a essa população, conforme será mais bem detalhado na discussão do presente artigo.

DISCUSSÃO

Percebe-se que, na busca inicial, foram identificados trabalhos sobre a prevalência de HIV na população idosa LGBTQIA+. Todavia, ao estabelecer os critérios de inclusão e exclusão e, consequentemente, retirar os estudos sobre as representações sociais construídas por jovens heterossexuais sobre velhices plurais, é notório que os termos relacionados ao vírus HIV somem da análise. Ou seja, é possível inferir que, na literatura científica, os estigmas concernentes à dominância da doença em populações LGBTQIA+ são perpetuados por pessoas que, em linhas gerais, não fazem parte da comunidade (NIEROTKA; FERRETI, 2021). Ao realizar pesquisas que posicionam pessoas idosas como protagonistas da construção de conhecimento acerca de suas vivências, os temas emergentes são outros.

Neste sentido, cabe destacar a organização de dois polos frente à análise dos estudos: o sexual e o social, indicando dois ângulos distintos sobre as vivências da comunidade idosa LGBTQIA+. Sob esta ótica, os estudos que tratavam sobre a sexualidade indicavam uma perspectiva inicial, que abordava como essa população ainda é tida e representada pela questão do "ato sexual" em si, desconsiderando o preconceito e os estigmas de uma sociedade conservadora, especialmente aqueles voltados para os homens gays.

Por outro lado, quando se dá atenção ao que está sendo chamado de polo social, foram encontrados estudos que buscaram retratar as questões internas e subjetivas, ligadas ao ser/estar no mundo de mulheres

idosas lésbicas, indicando o desejo do laço social, da formação de vínculos familiares e comunitários, da afetividade e da possibilidade de cuidado dos filhos quando esta é uma realidade, através da adoção. Ou seja, infere-se à mulher idosa lésbica um lugar comum, alheio à diferença, por meio da formação de papéis sociais.

Ficou evidente, então, que essa organização se ancora em uma questão de gênero, uma vez que os estudos acerca da experiência do homem idoso gay se circunscrevem especificamente à vivência da sexualidade e ao lugar do masculino, que impera na replicação de uma série de marcadores definidores do que é ser homem, e dos infortúnios, quando não se enquadram nesse papel social (CUNHA, 2014; LEMOS, 2015; PEREIRA *et al.*, 2015; PIMENTEL, 2022). Já as questões existenciais, retratadas no desejo de formação de laços sociais e familiares, apareciam especificamente nos estudos que tinham como amostra mulheres lésbicas idosas. Nesse sentido, não se pode negar a existência de um indicativo de como se constrói o feminino e o masculino na sociedade, e de como se alocam suas necessidades e representações (ALVES, 2010; DANTAS, 2021; LIMA, 2006; SOUZA; CHACHAM, 2023).

A identidade de mulher lésbica e suas expressões de sexualidade se caracterizam como um ponto importante de discussão. Por exemplo, Meloni (2022) aborda a representação do relacionamento lésbico como uma parceria com tendência a ser duradoura e de dinâmica mais igualitária. De acordo com o trabalho, lésbicas mais velhas, no geral, apresentam um conceito positivo sobre o seu processo de envelhecer, sua orientação sexual e seus relacionamentos. No artigo de Fonseca *et al.* (2022), as percepções de mulheres lésbicas sobre velhice LGBT apontam que questões, como medo e incerteza, são presentes devido à forma como a sociedade lida com pessoas diferentes da heteronormativa.

Esses resultados ecoam as conclusões da literatura global ao identificar que o envelhecimento de pessoas LGBTQIA+ é marcado por desafios únicos, como as disparidades de saúde e o acesso a serviços. Estudos de alta repercussão, como os de Fredriksen-Goldsen et al. (2011) e o relatório da Williams Institute (2016), demonstram que pessoas idosas LGBTQIA+ enfrentam barreiras significativas em relação à saúde física e mental, um problema diretamente ligado à discriminação e ao estigma vivenciados ao longo da vida. Esse panorama é corroborado pelos nossos achados, que destacam a fragilidade dos sistemas de suporte social e a necessidade de profissionais de saúde mais capacitados.

Para Goffman (2013), há três tipos de condições estigmatizantes: (1) estigmas tribais (familiares, passados de geração para geração, incluindo pertencimento a determinados grupos raciais, nacionais, étnicos ou religiosos); (2) abominações do corpo (características físicas tais como “defeitos” físicos e desfigurações); e (3) culpas no caráter individual (relacionadas com a personalidade ou comportamento do indivíduo, incluindo doenças mentais, vícios, crimes e homossexualidade). Ainda segundo o autor, a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados comuns e

naturais para os membros de cada uma das categorias. Então, quando uma pessoa estranha é apresentada, os primeiros aspectos evidenciados permitem prever a sua categoria e os seus atributos, ou seja, sua identidade – fundamentando preconceitos recorrentes nas sociedades ocidentais.

Seguindo essa linha, é extremamente interessante perceber que o uso da terminologia "estigma" aparece em estudos protagonizados por homens homossexuais, ao contrário do que aparece nas pesquisas com mulheres lésbicas, os quais apresentam uma conotação mais pessoal por meio dos termos "experiência" e "vivência". Tal resultado elucida as consequências do machismo enquanto estrutura de poder, e como essa lógica impacta nos modos de ser e estar no mundo de diferentes camadas sociais.

Tendo em vista que a origem e construção do machismo tem se constituído historicamente em uma sociedade androcêntrica que sempre enaltece o homem como o centro das relações, a invisibilidade social das mulheres lésbicas pode ser considerada uma atitude manifestadora de um reflexo maior. Esse cenário se reflete, por exemplo, na existência de uma misoginia que transforma a sexualidade feminina em instrumento de desejo dos homens, tornando impensáveis as relações eróticos-afetivas entre as mulheres lésbicas, que seguem sendo fetichizadas em diversos contextos, pois a sociedade patriarcal tem considerado hegemonicamente o modelo heteronormativo de relação e afeto (BORRILLO, 2010; BOURDIEU, 2015; DANTAS, 2021)

Estudos como de Correia (2009) e Salgado *et al*. (2017) quanto ao estigma e preconceito de pessoas LGBT idosas apontaram a invisibilidade e o preconceito voltado para essa população. Romper com estigmas, normas e valores hegemônicos é tarefa imprescindível e urgente. Cabe reconhecer e respeitar a diversidade, um dos princípios mais caros à democracia. De acordo com Santos *et al.* (2020), esse preconceito duplo é pouco acentuado na vivência da velhice, pois é a identidade LGBTQIA+ que predomina. Em outras palavras, o estudo indica que as situações que ativam o preconceito não são referentes às experiências enquanto uma pessoa idosa ou LGBTQIA+, mas sim, às práticas sexuais. O preconceito duplo foi também sinalizado nos estudos de Antunes e Mercadante (2012), Araújo e Fernandez-Rouco (2016), Santos *et al.* (2017), Santos, Araújo e Negreiros (2018) entre outros.

Em seu artigo, Henning (2020) analisa as narrativas de um homem gay de 62 anos de idade, negro, cisgênero, classe média-baixa, sobre os impactos do surgimento das noções de pessoas idosas LGBTQIA+ no Brasil, sobre a velhice LGBTQIA+ em suas expectativas individuais e coletivas de futuro e sobre suas concepções de curso da vida, construindo um exame antropológico do modo como o interlocutor atribuiu sentido à uma existência marcada por um intenso imediatismo e uma dificuldade de vislumbrar o futuro. As formas contemporâneas de politização da velhice esgarçam, subvertem e ressignificam essas potencialidades, contribuindo para a ampliação dos horizontes de futuridade coletivos e para uma nova compreensão da velhice, abrangendo as particularidades de pessoas idosas LGBTQIA+. Além disso, esse

estudo elucida o aspecto interseccional da velhice ao enfatizar aspectos de classe e raça na subjetividade do indivíduo em questão, entendendo-as como aspectos tão importantes quanto a sua orientação sexual.

Destaca-se o estudo de Cunha (2014), o qual teve como objetivo investigar as repercussões da orientação sexual homoafetiva na trajetória de vida de homens idosos. As narrativas dos participantes revelaram o preconceito social enfrentado nos vários contextos, desde as vivências nos ambientes de estudo e trabalho, até mesmo as experiências vividas em suas famílias. Porém, vale ressaltar que suas percepções acerca de viver e envelhecer sendo LGBT, com exceção dos episódios de preconceito, repercutiram de forma positiva em suas trajetórias de vida. Tais achados estão em consonância com Brandão (2022), cuja dissertação evidenciou que, apesar do preconceito sofrido pelas pessoas idosas LGBTQIA+, elas se mostram satisfeitas com suas relações e possuem boa qualidade de vida – o que pode estar associado à sua renda, escolaridade e apoio social informal.

Faz-se fulcral pontuar que os resultados apontaram para a influência da família e da sociedade no modo de existir enquanto pessoa idosa LGBT. Lima (2006) buscou abordar as representações sobre a velhice e sobre o processo de tornar-se velho por meio do olhar singular de uma mulher homossexual feminina na meia idade. Aqui, destaca-se o duplo preconceito social, resultando em fatores como: a preocupação com o corpo que envelhece, a possibilidade de perder a vitalidade física, a concepção de família que difere do modelo tradicional, a comunidade e a construção de espaço físico para grupos de amigos LGBTQIA+ viverem na velhice, a ausência de uma formação familiar tradicional e a fragilidade da união conjugal existente.

Além disso, a ênfase da revisão na importância de "famílias de escolha" e redes de amizade como pilares de apoio para a população LGBTQIA+ idosa está em sintonia com a literatura internacional mais atual. Pesquisas de Hennig (2017) e do *Williams Institute* (2016) ressaltam que, devido à potencial fragilidade de laços familiares biológicos, a "família de escolha" torna-se uma rede de segurança crucial na velhice. Nossos resultados, ao identificarem essa mesma dinâmica no contexto brasileiro, reforçam a universalidade desse mecanismo de resiliência e a necessidade de que políticas públicas o reconheçam. Alves (2010) busca preencher uma lacuna nas produções científicas e expor o olhar de mulheres lésbicas mais velhas sobre suas percepções acerca da homossexualidade feminina e o lugar que ela ocupa em suas respectivas trajetórias de vida. Observa-se uma transição sutil que começa a operar no discurso das participantes a respeito das possibilidades de exercício da lesbianidade, enfatizando lembranças que elas têm sobre a dificuldade em reconhecer a própria homossexualidade na juventude, já que lhes faltavam meios para isso. O processo de constituição de uma trajetória homossexual foi longo e implicou estabelecimento de uma rede fechada de amigas, garantindo espaço para o exercício da homossexualidade e resultando, também, em um afastamento da família de origem. A referida autora ainda destaca que o

impacto do discurso feminista no Brasil, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, foi importante para possibilitar às mulheres um maior relaxamento dessas fronteiras extremamente rígidas em relação ao comportamento sexual, presente inclusive entre as mulheres lésbicas.

Lemos (2015) objetivou investigar a construção da subjetividade relacionada à homossexualidade e ao envelhecimento de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Nesse estudo, evidenciou-se que é comum que pessoas homossexuais sofram exclusão nos dias atuais, conforme divulgado diariamente pelas mídias, mostrando que muitas delas são, inclusive, submetidas a constrangimentos no momento em que expõem sua identidade em determinados locais ou na presença de determinados grupos, podendo resultar até mesmo em agressões físicas e psicológicas. Esse cenário se intensifica quando se trata de homens homossexuais que assumem posturas mais associadas à feminilidade, conforme corroborado por Henning (2017), Leal e Mendes (2017), Passamani (2013) e Santos *et al.* (2020), os quais entendem que as pessoas idosas LGBT sofrem devido a uma ditadura interna e externa de aceitação da sua sexualidade, podendo resultar em um receio de discriminação, preconceito, maus tratos e violência.

Em relação a como é vivenciada a velhice na homossexualidade e suas vivências em sexualidade, os estudos de Pereira *et al*. (2015), Souza Júnior *et al.*, (2022) e Souza e Chacham (2023) apontaram que o tema ainda é pouco explorado na literatura científica, e que não se pode estudar a velhice e a homossexualidade separando o indivíduo da sociedade em que vive ou da família em que está inserido e que as melhores vivências em sexualidade foram observadas entre os participantes do sexo masculino com idade entre 60 e 74 anos, autodeclarados pardos, adeptos às religiões de origens africanas, que possuem parceria fixa, convivem com o cônjuge por tempo igual ou inferior a cinco anos, não possuem filhos e se declaram homossexuais.

O artigo de Humboldt, Carneiro e Leal (2020) teve como objetivo construir um modelo estrutural para investigar se as variáveis sociodemográficas, de saúde e de estilo de vida estão correlacionadas com o ajustamento ao envelhecimento em um grupo de idosos lésbicas, gays e bissexuais (LGB). Seus resultados sugerem que a tomada de políticas e as intervenções com pessoas idosas LGB podem beneficiar variáveis de saúde percebidas, a exemplo de lazer e rendimento pessoal, sendo estes significativos para a promoção do ajustamento ao envelhecimento. Nessa mesma linha, Pimentel (2022) defende que o relacionamento afetivo é percebido como mais importante na vida das pessoas idosas do que a atividade sexual em si. Aqui, cabe ressaltar o estereótipo de que a velhice é uma etapa de vida obrigatoriamente marcada pela assexualidade, enquadrando homens idosos como pessoas sem vitalidade sexual, e imputando às mulheres idosas o medo da rejeição (PAPALÉO NETTO, 2002).

Ademais, destaca-se que a sexualidade de pessoas idosas LGBTQIA+ é um tema complexo e multifacetado que envolve diversas nuances sociais e sexuais. A esfera social, por exemplo, é marcada

por desafios como a invisibilidade da sexualidade na velhice, o preconceito e a discriminação por parte da sociedade e da família (OLIVEIRA *et al*., 2021). Tais fatores podem levar ao isolamento social, à depressão e à baixa autoestima entre pessoas idosas LGBTQIA+ (ARAÚJO *et al*., 2023; OLIVEIRA *et al*., 2020).

No âmbito sexual, as pessoas idosas LGBTQIA+ também enfrentam diversos desafios. O acesso à saúde sexual adequada, por exemplo, é dificultado pela falta de profissionais capacitados e pela invisibilidade das necessidades específicas dessa população. Além disso, estereótipos e crenças negativas sobre a sexualidade na velhice podem levar à diminuição do desejo sexual, à anorgasmia e a outras dificuldades sexuais (GABARRA *et al*., 2023).

Nessa perspectiva, os dados deste estudo avançam quando sinalizam aspectos relevantes para discussão e disseminação de informações sobre a velhice LGBTQIA+. Contudo, vale pontuar que o debate sobre a interseccionalidade presente nas múltiplas velhices ainda caminha a passos lentos. Isso porque, ao alocar pessoas idosas LGBTQIA+ no centro da análise, muitas vezes escapam informações sobre outros determinantes sociais cruciais no entendimento do modo de ser e estar no mundo dessa população. Por exemplo, aspectos como raça e classe social pouco aparecem nas discussões, levando o leitor aos questionamentos: Seria essa percepção sobre envelhecimento LGBTQIA+ algo passível de ser inferido para todas as pessoas idosas que participam dessa camada? A forma de se enxergar a velhice LGBTQIA+ pode estar relacionada ao contexto em que a pessoa se insere, em termos de marcadores sociais de diferença?

Infelizmente, essa é uma questão que permanece em aberto. Porém, espera-se que este artigo contribua na construção de uma ciência e, consequentemente, de uma sociedade menos preconceituosa com aquele que envelhece, especialmente, em relação às pessoas idosas LGBTQIA+. Essa construção deve se basear no reconhecimento e valorização da diversidade, acesso igualitário a direitos e serviços, visibilidade e representatividade positivas. Como limitação deste estudo, pode-se apontar que não foi utilizado como descritor o termo de busca LGBT*, que teve um objetivo como o supracitado, mas que, ao mesmo tempo, pode ter restringido o acesso de mais informações sobre os estudos das pessoas idosas LGBTQIA+ na população brasileira. Assim, sugere-se que estudos futuros utilizem termos mais amplos, outras combinações de descritores e outras bases de dados.

Ademais, a análise da produção brasileira demonstra que, enquanto o Brasil está se alinhando a temas globais de saúde e suporte social, ainda há lacunas importantes a serem preenchidas. O enfoque na velhice feminina lésbica, por exemplo, é um ponto de destaque na produção nacional que, quando comparado a estudos internacionais mais amplos (que muitas vezes agregam as identidades LGB), pode oferecer contribuições singulares para o campo. Aprofundar esse diálogo é essencial para que a pesquisa

brasileira possa, de fato, enriquecer o estado da arte global, oferecendo novas perspectivas e soluções para os desafios do envelhecimento LGBTQIA+.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo mapear a produção científica brasileira sobre o envelhecimento da população LGBTQIA+, revelando um cenário em consolidação, mas ainda incipiente. Através da análise de 14 documentos, foi possível sintetizar os resultados em eixos temáticos que orbitam as dimensões sexual e social da velhice. Os achados demonstram uma diversidade de experiências do envelhecimento LGBTQIA+, destacando a importância de redes de suporte, a complexidade das interações com serviços de saúde e a visibilidade emergente de subgrupos, como a velhice feminina lésbica, o que ressalta a importância de uma abordagem interseccional para a compreensão do tema.

A principal limitação deste estudo reside no escopo da revisão, que, por sua natureza, não permite uma análise aprofundada do conteúdo de cada documento, mas sim um mapeamento da literatura. O número restrito de publicações nacionais elegíveis (n=14) também impõe uma limitação à generalização dos achados e à profundidade da discussão no contexto brasileiro. Essa escassez de dados, no entanto, é, por si só, um resultado importante, que sublinha a necessidade de maior investimento em pesquisa na área.

Com base nestas observações, recomendam-se estudos futuros que aprofundem as especificidades de cada subgrupo da população LGBTQIA+, como pessoas trans, bissexuais e intersexo em processo de envelhecimento, lacunas ainda pouco exploradas na literatura brasileira. Sugere-se também a adoção de metodologias mistas que combinem a análise qualitativa com dados quantitativos, para avaliar o impacto bibliométrico e a eficácia de intervenções. Estudos longitudinais, por sua vez, seriam de grande valia para monitorar as trajetórias de vida e os desafios enfrentados por essa população ao longo do tempo.

A pesquisa aponta para a urgência de melhorias na esfera pública e de políticas direcionadas. É imperativo o desenvolvimento de programas de capacitação e sensibilização para profissionais de saúde e assistência social, a fim de garantir um atendimento mais acolhedor e livre de discriminação. Adicionalmente, as políticas públicas voltadas para o envelhecimento devem reconhecer e fortalecer as "famílias de escolha" e as redes de amizade, que se mostram como pilares essenciais de suporte. Tais medidas são cruciais para assegurar que a população LGBTQIA+ idosa possa desfrutar de um envelhecimento digno, com autonomia e qualidade de vida.

Em última análise, a pesquisa brasileira sobre o envelhecimento LGBTQIA+, embora em estágio inicial, já oferece uma contribuição valiosa ao mapear os desafios e as resiliências de uma população historicamente invisibilizada. O presente estudo reforça a necessidade de um olhar científico e social que

transcenda o binarismo e a heteronormatividade, pavimentando o caminho para uma sociedade mais inclusiva e equitativa em relação ao envelhecimento de todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero e orientação sexual

REFERÊNCIAS

ADAMS, M. "An intersectional approach to services and care for LGBT elders". **Generations**, vol. 40, n. 3, 2016.

ALVES, A. M. "Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina". **Horizontes Antropológicos**, vol. 16, n. 34, 2010.

ANTUNES, P. P. S.; MERCADANTE, E. F. "Travestis, envelhecimento e velhice". **Revista Kairós-Gerontologia**, vol. 14, n. 10, 2012.

ARAÚJO, J. G. *et al*. "Desafios que interferem na saúde sexual dos idosos". **Revista CPAQV-Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, vol. 15, n. 3, 2023.

ARAÚJO, L. F.; FERNANDÉZ-ROUCO, N. "Idosos LGBT: fatores de risco e proteção". *In*: FALCÃO, D. V. S. *et al*. (orgs.). **Velhices**: Temas Emergentes nos Contextos Sociofamiliar, de Saúde Mental, Cuidado e Violência. Campinas: Editora Alínea, 2016.

AREOSA, S. V. C. *et al*. "Política do envelhecimento e direitos humanos LGBTQIAPN+ no Brasil". **Revista Longeviver**, n. 20, 2023.

BEZERRA, I. E. L. *et al*. "Qualidade de vida entre homens trans idosos durante a pandemia de covid-19: suas representações sociais". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 21, n. 62, 2025.

BILGE, S. "Théorisations féministes de l´intersectionnalité". **Revue Diogène**, n. 225, 2009.

BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2015. 160 p.

BRANDÃO, S. S. A. **Relação entre apoio social informal e qualidade de vida em idosos LGBTQIA+** (Dissertação (Mestrado em Ciências do Envelhecimento). São Paulo: USJT, 2022.

CAMARANO, A. A. **A dinâmica demográfica e a pandemia**: como andará a população brasileira? Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2023.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. "IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais". **Temas em Psicologia**, vol. 21, n. 2, 2013.

CATÃO, F. F.; ROCHA, K. K. R. "Políticas públicas e direitos humanos por idosos em serviço de convivência". **Psicologia em Revista**, vol. 25, n. 2, 2019.

CHEN, J. *et al*. "Lived Experiences of Older LGBTQI+ Adults Aged 60 or Older: A Systematic Review

and Qualitative Synthesis". **The Journal of Homosexuality**, vol. 72, n. 4, 2025.

CHEN, J. *et al*. "The Aging Experiences of LGBTQ Ethnic Minority Older Adults: A Systematic Review". **The Gerontologist**, vol. 62, n. 3, 2022.

CORREIA, C. A. C. **Homossexualidade e velhice**: a dupla estigmatização (Dissertação de Mestrado em Gerontologia). São Paulo: PUCSP, 2009.

CRENSHAW, K. W. "Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics". **University of Chicago Legal Forum**, vol. 140, 1989.

CRENSHAW, K. W. "Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color". **Stanford Law Review**, vol. 43, n. 6, 1991.

CUNHA, L. A. **O envelhecimento e a homossexualidade masculina** (Dissertação de Mestrado em Ciências da Saúde e Ciências Biológicas). Passo Fundo: UPF, 2014.

DANTAS, A. J. L. **Narrativas de histórias de vida de idosas lésbicas**: interseccionalidade entre velhice, gênero e sexualidade (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Fortaleza: UFC, 2021.

DIVERSO UFMG. "Envelhecimento da população LGBT". **Portal Diverso UFMG** [2023]. Disponível em: <www.diversoufmg.com>. Acesso em: 18 set. 2025.

FABBRE, J. A. *et al*. "Beyond identity and generations: Bringing life course theory to studies of older gay men". **Frontiers in Sociology**, vol. 9, n. 1393607, 2024.

FONSECA, L. K. S. *et al*. "Representações sociais a respeito da velhice LGBT sob a ótica de mulheres lésbicas brasileiras". **Salud e Sociedad**, vol. 12, 2022.

FREDRIKSEN-GOLDSEN, K. I. *et al*. "The aging and health report: Disparities and resilience among lesbian, gay, bisexual, and transgender older adults". **Aging and Health**, vol. 21, 2011.

FREDRIKSEN-GOLDSEN, K. I. *et al*. **The Aging and Health Report**: Disparities and Resilience among Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Older Adults. New York: Sage, 2011.

FREDRIKSEN-GOLDSEN, K. I.; KIM, H. "Global Aging with Pride: International Perspectives on LGBT Aging". **The Gerontologist**, vol. 57, 2017.

GABARRA, L. *et al*. "A vivência do luto do cônjuge em idosos gays, lésbicas, bissexuais e/ou trans: revisão narrativa". **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, vol. 8, n. 15, 2023.

GOFFMAN, E. **Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2013.

GOMES, H. V. *et al*. "Envelhecimento de homens gays brasileiros: Representações sociais acerca da velhice LGBT". **Psychologica**, vol. 63, n. 1, 2020.

HENNING, C. E. "Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos 'idosos LGBT'". **Horizontes Antropológicos**, n. 47, 2017.

HENNING, C. E. "Nas tensões eróticas da gerontofobia e da gerontofilia: uma etnografia de homens que

mantêm práticas sexuais homoeróticas na meia idade e velhice". *In*: PASSAMANI, G. R. (org.). **(Contra)pontos**: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual: cursos da vida e gerações. Campo Grande: Editora UFMS, 2013.

HENNING, C. E. O "Luxo do Futuro. Idosos LGBT, teleologias heteronormativas e futuros viáveis". **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 35, 2020.

HUMBOLDT, S.; CARNEIRO, F.; LEAL, I. "O que prevê o ajustamento ao envelhecimento idosos lésbicas, gays e bissexuais?" **Psicologia, Saúde e Doenças**, vol. 21, n. 1, 2020.

LEAL, M. G. S.; MENDES, M. R. O. "A geração duplamente silenciosa – velhice e homossexualidade". **Revista Portal de Divulgação**, n. 51, 2017.

LEMOS, A. E. **Homossexualidade e velhice**: os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos (Dissertação de Mestrado em Educação Sexual). Araraquara: Unesp, 2015.

LIMA, T. G. **Tornar-se velho**: o olhar da mulher homossexual (Dissertação de Mestrado em Gerontologia). São Paulo: PUCSP, 2006.

MELONI, L. M. **Conjugalidade lésbica na terceira idade**: perspectivas apresentadas sob o olhar da literatura e das narrativas pessoais (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Uberlândia: UFU, 2022.

MEYER, I. H. "Prejudice, Social Stress, and Mental Health in Lesbian, Gay, and Bisexual Populations: Conceptual Issues and Research Evidence". **Psychological Bulletin**, vol. 129, n. 5, 2003.

MIGUEL, D. F.; CRENITTE, M. **Envelhecimento saudável da comunidade LGBTQI+**. Rio de Janeiro: SBGG, 2021.

NIEROTKA, R. P.; FERRETTI, F. "Idosos com HIV/aids: uma revisão integrativa". **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, vol. 26, n. 2, 2021.

OLIVEIRA, M. R. *et al*. "Invisibilidade e solidão: a figura do homossexual idoso no Brasil". **Envelhecimento humano: Desafios Contemporâneos**, vol. 2, 2021.

PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Editora Atheneu, 2002.

PASSAMANI, G. R. "Velhice, homossexualidades e memória: notas de campo no pantanal sul-matogrossense". **;anais do X Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Florianópolis: UFSC, 2013.

PEREIRA, K. C. S. A. *et al*. "Autoconceito em idosos homossexuais: um estudo exploratório". **Revista Kairós-Gerontologia**, vol. 18, n. 1, 2015.

PETERS, M. D. J. *et al*. "Scoping Reviews". *In*: AROMATARIS E.; MUNN, Z. (eds.). **JBI Manual for Evidence Synthesis**. Adelaide: JBI, 2020.

PIMENTEL, P. C. **Relação amorosa na terceira idade** (Dissertação de Mestrado em Saúde Pública). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2022.

POCAHY, F. A. "Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática-conceito feminista". **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, vol. 13, n. 23, 2011.

QUERINO, F. F.; ANDRADE, D. M. "Uso de metodologias ativas no estágio docência em um programa de pós-graduação em administração". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 19, n. 55, 2024.

RATINAUD, P. "IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires". **IRaMuTeQ** [2009].

SALGADO, A. G. A. T. *et al*. "Velhice LGBT: Uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros". **Ciencias Psicológicas**, vol. 11, n. 2, 2017.

SAMPAIO, J. C.; DETTMAM, D. "Antonin Scalia e os limites do ativismo judicial: uma análise do textualismo originalista". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 23, n. 68, 2025.

SANTOS, J. V. *et al*. "Compreendendo a velhice LGBT: uma revisão da literatura". *In*: ARAÚJO, L. F.; CARVALHO, C. M. R. G. (orgs.). **Envelhecimento e Práticas Gerontológicas**. Teresina: Editora da UFPI, 2017.

SANTOS, J. V. O. *et al*. "O que os brasileiros pensam acerca da velhice LGBT? Suas representações sociais". **Avances en Psicología Latinoamericana**, vol. 38, n. 2, 2020.

SANTOS, J. V. O.; ARAÚJO, L. F.; NEGREIROS, F. "Atitudes e estereótipos em relação a velhice LGBT". **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, vol. 29, n. 1, 2018.

SILVA, G. O. *et al*. "O que Sabemos sobre Gênero e Sexualidade na Velhice? Uma Revisão Sistemática". **Revista de Psicologia da IMED**, col. 14, n. 1, 2022.

SOLISE, V. O.; MEDEIROS, M. P. "Sexualidade na Velhice". **Disciplinarum Scientia | Saúde**, vol. 3, n. 1, 2016.

SOUSA, X. R. R.; MARTINEZ, G. F.; CHARIGLIONE, I. P. F. S. "Análise comparativa da percepção dos processos de envelhecimento entre pessoas transgêneros e cisgêneros do Brasil". **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, vol. 6, n. 20, 2023.

SOUZA JÚNIOR, E. V. *et al*. "Associação entre as vivências em sexualidade e características biosociodemográficas de pessoas idosas". **Escola Anna Nery**, vol. 26, 2022.

SOUZA, J. A.; CHACHAM, A. S. "Histórias de lésbicas irmanadas em uma confraria em Belo Horizonte (MG)". **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 39, 2023.

TORELLI, W. R. N.; BESSA, T. A.; GRAEFF, B. "Preconceito contra pessoa idosa LGBTQIA+ em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI): uma revisão de escopo". **Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 28, n. 11, 2023.

WILLIAMS INSTITUTE. **LGBT Aging**: A Review of Research Findings, Needs, and Policy Implications. Los Angeles: Williams Institute, 2016.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VII | Volume 23 | Nº 69 | Boa Vista|2025

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima